

LÍNGUA(GEM) COMO PRÁTICA SOCIAL E DISCURSIVA: UM OLHAR SOBRE LIVROS DIDÁTICOS DE LE/LA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À LUZ DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Gabriel Gomes Ferreira Moreira¹

Ariovaldo Lopes Pereira²

INTRODUÇÃO

Este é um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo, que propõe discutir a concepção de língua na qual uma coleção de livros didáticos para ensino de língua inglesa, utilizada em escolas do ensino médio da rede estadual de Goiás, está fundamentada. Essa discussão terá em vista a concepção de língua como prática social e acontecerá à luz de documentos curriculares oficiais (OCEM, 2006; PCNEM+, 2007; LDB, 2017; BNCCEM, 2018; DCGOEM, 2021). Para isso, serão investigadas as proposições desses documentos acerca do ensino de línguas de modo a entender se a concepção de língua como prática social se faz presente em sua estruturação e como essa é configurada na coleção de livros didáticos selecionada.

A discussão aqui proposta se fundamenta nas contribuições de Bakhtin (1999) quanto à sua visão dialética entre língua e sociedade, mais especificamente no que tange ao caráter interacional da língua como manifestação discursiva. Também, são tidas como aparato teórico as proposições de Fairclough (2001) acerca do potencial transgressor do discurso, mais especificamente a consideração de que a língua está entrelaçada às estruturas sociopolíticas e, portanto, é ferramenta de articulação ideológica.

¹ Graduação em letras: inglês, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestrando do PPG-IELT (UEG). gabrielgfm16.gg@gmail.com

² Doutorado em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Docente do PPG-IELT (UEG). arylopes_br@yahoo.com

O professor de línguas se encontra em posição potencial no que tange à movimentação de discursos no meio social, especialmente em relação aos atravessamentos políticos, sócio-históricos e ideológicos que se concretizam diariamente em nossas rotinas. Sobre isso, Lopes (2006) afirma que, além de utilizar o discurso para a prática profissional, também faz-se necessário fazer uso desse para confrontar discursos que se fazem presentes na sala de aula. Nesse sentido, este estudo se preocupa com uma fonte de variados discursos que entrecruzam a prática docente, em especial aqueles veiculados no livro didático, de forma a compreender se a concepção de língua como prática social se faz presente em sua estrutura e, se sim, como isso é construído e de que maneira isso pode influenciar o fazer docente de professores que venham a utilizá-lo. Assim, este estudo se faz pertinente na medida em que procura investigar a manifestação da língua por uma perspectiva sociointeracionista tendo em vista elementos que fazem parte da construção epistemológica e pragmática do fazer docente para a realidade do professor de língua inglesa no Brasil, uma vez que uma coleção de livros didáticos, utilizada em contexto local, bem como documentos curriculares da nossa realidade educacional, constituem os objetos da investigação aqui proposta.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Discussões acerca do fenômeno linguístico na sociedade têm se concretizado entre estudiosos há mais de milênios. Desde a civilização grega olhares se voltavam à análise da linguagem, porém de maneira menos ampla, em que pensadores da época se empenhavam em compreender unidades mais básicas da língua, como morfemas, e também se interessavam pela relação de significância entre língua e objeto, conforme explica Martins (2010). Esse olhar intralinguístico, à parte do contexto social, se estendeu nos estudos linguísticos durante muito tempo, uma vez que a análise linguística, apesar de se expandir para níveis maiores de análise – como explica Crystal (2020), a análise linguística teve seus interesses moldados e expandidos com o passar do tempo, iniciando-se no morfema, depois se alongando ao sintagma, para somente chegar a discutir a fala em meados do século XX – continuou discutindo a linguagem por um viés unicamente sistêmico.

Em meados do século XX e com o desenvolvimento das ciências sociais, o fenômeno linguístico passa a ser visto em relação dialógica com o contexto social, o que é tido e proposto por Bakhtin (1926) como uma perspectiva de língua como prática social. Sendo assim, é essa perspectiva que sustenta a investigação proposta por este estudo, a de que o fenômeno da linguagem se concretiza de forma intrínseca com a prática social, de modo que ambas as entidades, língua e sociedade, se estabelecem uma na outra e pela outra (BENVENISTE, 2006 apud KNACK, 2018).

Como explica Pires (2011), uma das grandes proposições de Bakhtin para o estudo da linguagem diz respeito ao lugar do sujeito na sociedade. A autora explica que “o sujeito bakhtiniano constitui-se, desse modo, como um ser social, histórico e ideológico”. Nesse sentido, faz-se válido entender essa concepção bakhtiniana de subjetividade para melhor compreendermos a maneira como o sujeito, língua e sociedade são concebidos neste estudo. Enxergar o sujeito como social se relaciona à concepção bakhtiniana de que “*Eu* só pode se realizar no discurso, apoiando-se em *nós*” (BAKHTIN, 1926 apud PIRES, 2011, p. 91). Isso nos demonstra que a construção do saber social está diretamente relacionada às concepções singulares de cada indivíduo, sendo a atividade mental social, a que se concretiza pela coletividade, influenciadora da *atividade mental do Eu* (PIRES, 2011).

Aliado a isso e considerando a relação dialógica entre língua e sociedade aqui já mencionada, surge uma nova categoria para a discussão do fenômeno linguístico, a de ideologia (MARTINS, 2010). Diante disso, a Análise do Discurso Crítica se instaura como uma forma de compreender os discursos e, consequentemente, as estruturas sociopolíticas que se entrelaçam ao acontecimento da linguagem, ou seja, à língua em funcionamento. A ADC se propõe a nos levar a compreender que os discursos presentes na sociedade são ancorados em estruturas de poder e que o ser social, o qual é atravessado e influenciado por esses discursos, se encontra em uma posição social, seja ela de autoridade ou de produção (BENVENISTE, 2006 apud KNACK, 2018). Dessa forma, Fairclough (1999 apud MARTINS, 2010) compreende o discurso e a estrutura social em uma relação dialética e, afirma que é preciso compreender que a língua é uma forma de articulação desses discursos – o que compreende

estruturas estanques da sociedade (MARTINS, 2010) –, podendo ser uma ferramenta de sustentação ou também uma forma de transgressão.

Como mencionado anteriormente, este estudo posiciona o livro didático como objeto da discussão proposta. Sobre o livro didático e seu papel no ensino de línguas estrangeiras/adicionais, Tílio (2008) destaca que esse apresenta benefícios e desvantagens para a sala de aula. Assim, se faz benéfico por possibilitar uma compilação sistemática dos conteúdos a serem estudados e se torna uma fonte de informação para professores de línguas (JOHNS, 1997 apud TÍLIO, 2008). Contudo, também sustenta desvantagens para a sala de aula, uma vez que suas informações são apresentadas em um contexto de “autoridade do saber”, assim nos impondo discursos a serem tomados de maneira incontestável, o que nos distancia do pensamento crítico. Nesse contexto, Tílio (2008) enxerga o livro didático como gênero discursivo no contexto educacional, o que remete às proposições de Bakhtin (2004) sobre os gêneros do discurso como unidades representativas da interação humana.

Assim, o livro didático contempla dimensões além da pedagógica, dialogando também com diversas ideologias e discursos sociopolíticos. Portanto, a discussão aqui proposta não está intencionada em uma análise intralinguística ou, unicamente pedagógica, de uma coleção de livros didáticos, mas em investigar a (não)presença da concepção de língua como prática social em sua estrutura em diálogo aos discursos que a atravessam e levando em conta proposições de documentos curriculares que direcionam a prática docente para o ensino de línguas estrangeiras/adicionais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRYSTAL, D. David Crystal on Language, Linguistics and Literature. Youtube, jun./2020.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Trad. I. Magalhães et. al. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

FARIAS, S. A. L. S. Gêneros Textuais em Livros Didáticos: uma análise de duas coleções do ensino médio. Orientador: Prof. Dr. Luciano Amaral Oliveira. 2013. 167 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2013.

KNACK, Carolina. A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 14, set./dez. 2018, p. 394-403.

MARTINS, A. R. N. Linguagem como Prática Social. Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 6, p. 31–43, 2010. DOI: 10.26512/les.v6i0.9309. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9309>. Acesso em: 9 ago. 2022.

MOITA LOPES, L.P. (Org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

PIRES, Vera Lúcia. A interação pela linguagem: prática social mediadora das relações socioculturais. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 87-100, 2011

TÍLIO, Rogério. O Papel do Livro Didático no Ensino de Língua Estrangeira. In: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. 7, jul./set. 2008.